



# Outros olhares sobre o sertão NORDESTINO

gênero,  
masculinidades  
e subjetividades

Caroline de Araújo Lima  
Clovis Carvalho Britto  
Jailma dos S. Pedreira Moreira  
ORGANIZADORES



## **Universidade do Estado da Bahia - UNEB**

José Bites de Carvalho

**Reitor**

Marcelo Duarte Dantas de Avila

**Vice-Reitor**



## **Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB**

**Diretora**

Sandra Regina Soares

### **Conselho Editorial**

#### **Titulares**

Alan da Silva Sampaio  
Antenor Rita Gomes  
Darcy Ribeiro de Castro  
Elizeu Clementino de Souza  
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel  
Hugo Saba Pereira Cardoso  
Janaina de Jesus Santos  
Luiz Carlos dos Santos  
Maria das Graças de Andrade Leal  
Reginaldo Conceição Cerqueira  
Rosemary Lapa de Oliveira  
Rudval Souza da Silva  
Simone Leal Souza Coité  
Valquíria Claudete Machado Borba

#### **Suplentes**

Agripino Souza Coelho Neto  
Ana Lúcia Gomes da Silva  
Eduardo José Santos Borges  
Isaura Santana Fontes  
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro  
Marcos Antonio Vanderlei  
Marcos Aurélio dos Santos Souza  
Marcos Bispo dos Santos  
Marilde Queiroz Guedes  
Maristela Casé Costa Cunha  
Marluce Alves dos Santos  
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira  
Mônica Beltrame  
Nilson Roberto da Silva Gimenes

A large, stylized graphic of a leaf or plant stem, rendered in shades of gray, occupies the upper half of the cover. It has a central vein and several smaller veins branching off, creating a sense of organic growth.

Caroline de Araújo Lima  
Clovis Carvalho Britto  
Jailma dos S. Pedreira Moreira  
Organizadores

# Outros olhares sobre o sertão NORDESTINO

gênero,  
masculinidades  
e subjetividades

Salvador  
EDUNEB  
2020

© 2020 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

Impresso no Brasil em 2020.

**Coordenação Editorial**

Fernanda de Jesus Cerqueira

**Coordenação de Design**

Sidney Silva

**Capa e Diagramação**

Germana Gonçalves de Araujo (UFS)

**Revisão Textual**

Maria Aparecida Porto Silva

**Normalização**

Fernanda de Jesus Cerqueira

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Lima, Caroline de Araújo

Outros olhares sobre o sertão nordestino: gênero, masculinidades e subjetividades/

Organizado por: Caroline de Araújo Lima; Clovis Carvalho Brito e Jailma dos S. Pedreira Moreira. – Salvador: EDUNEB, 2020.

284 p.: il.

ISBN 978-85-88277-05-2

1. Nordeste – aspectos culturais. 2. Feminismo – estudo de gêneros. I. Brito, Clovis Carvalho. II. Moreira, Jailma dos S. Pedreira Moreira.

CDD: 305.48

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

www.uneb.br



## SUMÁRIO

**07 | Sertão nordestino e estudos de gênero  
em perspectiva: à guisa de apresentação**

Caroline de Araújo Lima,  
Clovis Carvalho Britto,  
Jailma dos Santos Pedreira Moreira

**27 | PARTE I**

**MULHERES SERTANEJAS:  
GÊNERO, VIOLÊNCIA E COLECIONISMO**

**29 | “Êta pau pereira!”: gênero, masculinidade  
e poder na paraíba (1930-1950)**

Alômia Abrantes da Silva

**55 | Grande sertão: mulheres – generificação,  
colecionismo e musealização do cangaço**

Clovis Carvalho Britto

**79 | “Perigosas mulheres modernas” ou “pobres tabaroas”:  
concepções acerca das mulheres sertanejas  
em Jacobina, (Bahia)**

Tânia Mara Pereira Vasconcelos

**111 | PARTE II**

**O NORDESTE NA LITERATURA: GÊNERO,  
ENUNCIÇÃO E RESISTÊNCIA**

**113 | “Mesquinho e humilde”? Notas sobre o romance Úrsula,  
da maranhense Maria Firmina dos Reis**

Elisângela da Silva Santos, Patrícia da Silva Santos

**135 | A representação masculinizada de Maria Bonita na gravura do folheto de cordel do século XX**

Germana Gonçalves de Araujo

**155 | A força ativa Maria Bonita no movimento de reescrita de si de mulheres nordestinas**

Jailma dos Santos Pedreira Moreira

**185 | PARTE III**

**O NORDESTE NO CINEMA: GÊNERO, MASCULINIDADES E SUBJETIVIDADES**

**187 | A trans-sertanidade e os estereótipos sertanejos de masculinidade**

Ana Maria Veiga

**211 | Violência e masculinidade: o sertão nordestino e a construção de um monopólio de sentido**

Elder Patrick Maia Alves


**235 | As mulheres no cangaço e o cinema como representação do passado**

Caroline de Araújo Lima

**257 | Gênero e gênero: a personagem feminina nos documentários sobre o cangaço**

Marcelo Dídimo Souza Vieira

**279 | SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**



## Sertão nordestino e estudos de gênero em perspectiva: à guisa de apresentação

Este livro busca agrupar diversas vertentes sobre sujeitos, personagens e histórias do sertão nordestino, atravessadas pela mesma perspectiva: a dos estudos de gênero. Dessa forma, reúne reflexões que apontam tanto para a construção de modos de viver, de corpos, de subjetividades como para a possibilidade de desconstrução de estilos de vida que certas narrativas, práticas discursivas, encenam. Nessa linha, são abordados temas como o feminino no cangaço, a construção de masculinidades no mundo sertanejo, as violências e formas de resistência do sujeito humano sertanejo nordestino, o imaginário que marcou a elaboração de uma textualidade sertaneja/nordestina, de personagens como a mulher-macho, assim como de formas e relatos de vida que têm se colocado contra esta trama textual. Diante disso, esta coletânea se propôs a rever mitificações de personagens, jogos de identidades e guerras discursivas que apontam as relações entre saber e poder, entre gênero e outros marcadores sociais, e que revelam micropoderes, outras percepções e estilos de vida, ciladas desse terreno constitutivo de si e de um mundo (sertanejo).

Do mesmo modo, esta coletânea contribui para demarcar a potência da articulação entre os estudos de gênero e a história dos sertões enquanto áreas particulares que incentivam trocas interdisciplinares, como atestam os textos aqui reunidos. No caso da história dos sertões, há algum tempo ela deixou de ser apenas tematizada, apresentando uma historicidade específica e se assumindo como área particular de investigação marcada pela interdisciplinaridade. Isso decorre da polissemia do conceito de sertão e do seu reconhecimento enquanto figura epistemológica.

Especialmente no caso brasileiro, é inegável a centralidade que o sertão ocupa no pensamento social, nas ciências sociais, nos estudos de teoria da história, teoria literária e teoria da arte. Nesse aspecto, torna-se relevante visualizá-lo como cenário de diversas tentativas de interpretar a identidade nacional, muitas vezes reconhecido como território ambíguo. Alberto Freire (2014) destaca que esse território remete geralmente à pobreza, à escassez, com uma geografia associada ao inóspito, mas também é ressignificado pelos artistas como local de riquezas, estando radicalmente ligado à cultura brasileira. Por essa razão, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2014) visualiza a existência de uma pluralidade de sertões, reconhecendo que “[...] este recorte espacial, que essa identidade regional guarda em seu interior a diferença, a diversidade, a multiplicidade de realidades e, talvez, de representações.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 42). Por isso, o autor prefere reconhecer o sertão como uma invenção, uma criação eminentemente histórica e multiforme, produto de uma rede de relações entre os agentes, concebendo ser por meio dessas práticas que tais processos permanecem ou mudam de identidade, dando lugar à diferença:

[...] é nelas que as totalidades se fracionam, que as partes não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo este todo uma invenção a partir destes fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 35).

Seguindo essa perspectiva, o sertão englobaria ao mesmo tempo espaços da saudade e territórios da revolta, um território de deslocamentos fabricado, em grande parte, pelo “Romance de 30”.

Em estudo sobre a categoria “sertão”, Custódia Selma Sena e Mireya Suárez (2011) informam que desde a colonização brasileira o termo de-



signava terra vazia, área inóspita e desconhecida, contraposta ao mar, e, ao mesmo tempo, região abundante e promissora. No século XIX, teria adquirido conotação negativa atrelando ao espaço a presença dos sertanejos, cujos costumes “bárbaros” se contrapunham ao do litoral “civilizado” pelo colonizador. Surge, assim, um lugar imaginário de confronto. Todavia, ao longo do século XX houve uma ressignificação que o reconheceu como local de alguns dos valores “autênticos” da nacionalidade, como fronteira interna brasileira, associado

[...] com as negatividades de rudeza e barbárie atribuídas anteriormente ao sertão e [...] com as positivities de abundância, fertilidade e prosperidade [...]. (SENA; SUÁREZ, 2011, p. 7).

Portanto, é inegável que o sertão enquanto categoria analítica acompanhou a configuração do pensamento social brasileiro, com múltiplos sentidos: terra adentro, longe do mar, vastidão, isolamento, barbárie, forma de orientação social e organização cultural. Desse modo, existiriam múltiplas identidades construídas a partir da noção de sertão, concebidas nos vãos e nos desvãos dessas veredas geográficas e simbólicas.

O sertão se torna um lugar de experiências, com amplos sentidos, espaço de agenciamentos móvel e fluido. O pensamento social brasileiro o reconhece a partir de uma vivência enquanto mito e enquanto crítica social, tornando-se uma poderosa configuração da cultura a partir das unidades constitutivas “paisagem”, “fronteira”, “violência” e “sociabilidade” que conformaram o imaginário nacional (SENA, 2011). Por essa razão, integra o cânone (historiográfico, sociológico e estético) das interpretações do país elaboradas durante o século XX e se torna uma forma de pensamento (BOLLE, 2004). Não é sem razões que Pedro Paulo Gomes Pereira (2008) reconhece o sertão enquanto categoria central no processo de invenção do Brasil, como problema a ser resolvido ou

como índice de brasilidade, propiciando narrativas em diversas formas de expressão, notadamente na literatura e no cinema.

*Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha, *O quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos, *O cangaceiro* (1953) de Lima Barreto, *Grande sertão: veredas* (1956) de Guimarães Rosa e *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) de Glauber Rocha são exemplos contundentes dessas narrativas. O sertão atravessa um conjunto de imagens que articula nação e narração e que também foi mobilizado na música, no teatro e nas artes visuais.

Móvel e fluido, o sertão ora coincide com algumas regiões ora com outras, situado em algumas áreas do Nordeste, do Centro-Oeste e do centro-sul:

[...] como o sertão se refere a uma geografia imaginada, sua referência mais marcante na memória é sua forma de organização social e de orientação cultural: sociedade tradicional sertaneja [...]. (SENA, SUÁREZ, 2011, p. 14).

Essa formação de orientação cultural é marcada por múltiplas características, a exemplo das relações de compadrio, atividades rurais, coronelismo e jaguncismo, movimentos messiânicos etc., e pela presença dos sertanejos e sertanejas como personagens míticos dessa formação discursiva. Talvez devido a essa nucleação de temas, o Nordeste se tornou espaço privilegiado nos campos artístico, literário e acadêmico para representar o mito do sertão, muitas vezes em imagens estereotipadas.

Os textos reunidos nesta coletânea evidenciam essa formação discursiva sobre o Nordeste por meio de múltiplos e fragmentados olhares:

[...] ao imperativo de se dar a ver o Nordeste, de se dar a ver o sertão, de se dar a ver a paisagem sertaneja, de se dar a ver a realidade regional, [...] respondem com outras imagens, com outras visualidades, com outras visibilidades. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 27).

Isso se complexifica quando essas imagens visibilizam outros olhares, mobilizando gênero, masculinidades e subjetividades.

Nesse sentido, é de fundamental importância reforçarmos esta articulação, a perspectiva de gênero, que se lança sobre o sertão e se coaduna a outros vetores de reflexão, se abrindo em diferença, multiplicidade e autocrítica para observar e debater os sertões, demarcando outras possibilidades, suas demandas e singularidades.

É dessa forma que para agenciarmos a perspectiva de gênero partimos das contribuições de Joan Scott (1990) e Heleieth Saffioti (2001), compreendendo esta categoria como constituída por práticas culturais e linguagens que definiram o feminino e o masculino – práticas, portanto, que compõem o indivíduo com seus traços étnico-raciais e de classe. Assim, gênero não se refere a aspectos biológicos e sim a uma identidade em construção, como também são construídas as relações de poder entre o feminino e o masculino.

Para Joan Scott (1990), o conceito de gênero evidenciou as relações de poder e suas desigualdades entre homens e mulheres, apontando a necessidade de analisarmos os papéis impostos às mulheres e a sua subalternização ao homem. A partir da década de 1990, outros avanços ocorreram nos estudos feministas. Judith Butler (2013), ao localizar essa relação de poder, identificou que ela dava sustentação à estrutura binária presente no conceito de gênero, tendo em vista a presença da heteronormatividade como regra nessas discussões.

Nesse sentido, a perspectiva de gênero se impõe como um campo necessário de conhecimento, como já nos disse Joan Scott (1990) ao afirmar como esta categoria é útil para uma análise histórica, assim como se impõe, acompanhando os estudos deste campo, a reflexão atualizada do termo e dos modos de operação deste que se propõe. Se o termo

teatraliza, em sua concepção, uma desnaturalização dos sujeitos, dos espaços, de suas histórias e vidas, portanto uma construção subjetiva, isso implica constantemente um trabalho crítico que aponta para a construção e conseqüente desconstrução dos sujeitos e do próprio campo dos estudos de gênero. É nessa linha, de autorreflexão, de desconstrução constante, que os estudos de gênero têm incorporado e proposto um campo de inter-relações, um campo epistemológico, aberto pelos estudos feministas.

Heloísa Buarque de Hollanda (2019), ao buscar mapear e recontar a história do pensamento feminista brasileiro, suas estratégias, aberturas e confinamentos, acaba não só destacando a importância desse campo de estudos, diante do que chama de uma colonização teórica que todos nós tivemos na academia, como ressaltando tanto o apagamento, em alguma medida, de tais estudos e proposições, dados contextos específicos brasileiros (como o da luta contra a ditadura militar nos anos 1960), quanto o percurso de seu desenvolvimento, que acabou gerando, em dias atuais, uma explosão feminista, um feminismo plural, a partir da ampliação de pautas, questões e terrenos disciplinares, o que tem promovido o reconhecimento de outros lugares discursivos, bem como a consolidação, a partir de um prisma relacional e desconstrutor, de uma área legítima de conhecimento.

É nessa esteira que Margareth Rago (2019) vai debater a relação entre gênero e história, pontuada por uma epistemologia feminista. Uma questão que, segundo ela, precisa ser considerada, visto que é a epistemologia

que define um campo e uma forma de produção do conhecimento, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito-objeto do conhecimento e a própria representação do conhecimento como verdade com que operamos. (RAGO, 2019, p. 373).

Diante disso, para Margareth Rago (2019, p. 373) o feminismo tem produzido

[...] não apenas uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nessa esfera.

Margareth Rago (2019), então, se propõe a discutir o aporte feminista às transformações em curso no campo da produção do conhecimento. Ao considerar uma ou várias epistemologias feministas, destaca a participação do feminismo na ampla crítica cultural, teórica, epistemológica em curso, ao lado da psicanálise, da hermenêutica, da teoria crítica marxista, do desconstrutivismo e do pós-modernismo. Essa crítica vai revelar o caráter particular de categorias dominantes, apresentadas como universais, questionando uma racionalidade burguesa, ocidental, marxista, inclusive, que não se pensa em sua dimensão sexualizada, como criação masculina, apontando para um projeto de ciência alternativa, que se quer potencialmente emancipador.

Nesta epistemologia feminista, evidenciando as relações de poder constitutivas das produções de saberes, e em inter-relação com outros estudos e teorias, como a filosofia da diferença, a história cultural etc., o sujeito, seja o denominado masculino ou feminino, passa a ser tomado “[...] como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas.” (RAGO, 2019, p. 376), operacionalizando, com a categoria de gênero, a desnaturalização das identidades sexuais, a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças. Com isso, a categoria de gênero é incorporada no feminismo, assim como o feminismo ou várias questões feministas são incorporadas, com suas tensões, ou lógica suplementar, como afirma Joan Scott (1992), em vários campos da produção do conhecimento.

Rompendo com um enquadramento conceitual normativo, a dimensão subjetiva e o questionamento de dicotomias são propostos. A subjetividade entra, portanto, como uma forma de conhecimento. São várias as perspectivas abertas pelos estudos feministas: uma nova relação entre teoria e prática, um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, não isento e imparcial, uma nova forma de trabalhar com as multiplicidades temporais, diante de uma linha evolutiva etc.

Para além das interpelações em curso, a categoria de gênero, segundo Margareth Rago (2019), ainda abre a possibilidade de constituir estudos sobre os homens, fazendo emergir estudos históricos, antropológicos, sociológicos – interdisciplinares – sobre a masculinidade. Nesse sentido, Rago (2019) afirma o campo plural, as inúmeras e instigantes possibilidades abertas pelas teorias feministas, reforçando o processo de interação com outras ciências e epistemologias que foi construindo o campo.

Nesse processo de interação passou-se a considerar incisivamente o imaginário social, as representações sociais, o cotidiano, as produções de subjetividade, de masculinidade, de feminilidade. Passou-se a interrogar o próprio discurso, a política identitária, como pontua Guacira Louro (2001), esboçando o desafio não só de percebermos a multiplicação de posições de gênero e sexuais, mas também de admitirmos como a fronteira vem sendo atravessada e como este lugar, por vezes, é o local social em que sujeitos vivem. Passou-se a revisitar, portanto, os feminismos, como expressa Luiza Bairos (1995), nos chamando a atenção para as interseccionalidades, para o cruzamento de perspectivas, ampliando e complexificando ainda mais os ângulos, as tensões, apontando, de fato, para uma hermenêutica das diferenças, como indica Maria Odília Dias (2019).

Trata-se, neste caso, de uma hermenêutica que conjugue vários marcadores sociais inter-relacionados a gênero, como classe, raça, geração,

regionalidade etc., interferindo no processo de produção subjetiva, o qual tanto conta com nosso agenciamento de linguagem nessa produção como também sofre, este agenciamento, interferência dessa rede sógnica. Uma hermenêutica que configure, portanto, a produção de um outro conhecimento sobre os sertões, por intermédio das perspectivas aqui mapeadas, arroladas, dessa outra linguagem que implica na desnaturalização de fixações, na rasura dos signos, na construção de novos significados na tarefa de interpretar as interpretações, disseminadas e não disseminadas, sobre o sertão nordestino, os atores desse teatro, os personagens, as mulheres, os homens, a comunidade LGBTQIA, as tramas, as violências, as linhas de fuga, as vidas sertanejas.

Dessa forma, gênero, subjetividades, masculinidades no mundo sertanejo são temas que perpassam esta coletânea, que está dividida em três partes.

A primeira, “Mulheres sertanejas: gênero, violência e colecionismo”, traz textos que refletem sobre a construção discursiva de lugares do sertão, sobre histórias de mulheres sertanejas, daquelas que atuaram no cangaço e de como se deu sua musealização. O artigo “‘Êta pau pereira!': gênero, masculinidade e poder na Paraíba (1930-1950)”, elaborado por Alômia Abrantes da Silva, investiga os sentidos de honra e virilidade em modelos normativos de masculinidade remanescentes das narrativas sobre acontecimentos da década de 1930, na Paraíba, e o modo como são constantemente atualizados. Imortalizadas nos emblemáticos versos do baião *Paraíba*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, as imagens da seca, dos conflitos políticos, do coronelismo e da construção identitária da “mulher-macho” consistem em mote para compreender a invenção de uma Paraíba caracterizada pela valentia e pela defesa da honra das “raízes sertanejas”. Sublinhando as fissuras instituídas

pelo corpo ambíguo, ao confundir os gêneros, o trabalho demonstra as reinvenções do Nordeste a partir da recepção da canção produzida na década de 1950, que efetua uma ode à virilidade dos sertanejos e sertanejas a partir da referência aos conflitos políticos da década de 1930. Tendo como recorte os embates políticos que culminaram com a Revolta de Princesa e as imagens em torno de José Pereira, João Pessoa e João Dantas, analisa as construções de repertórios de masculinidade alicerçados pelos discursos de honra, virilidade e violência que ainda povoam o imaginário sobre a Paraíba e toda a região Nordeste. A partir das transformações de sentido em torno da masculinidade sertaneja, a autora demonstra como o episódio de Princesa contribuiu para forjar leituras sobre o território e seus habitantes, contribuindo para a instauração de um paradoxo: a “terra-fêmea”, Paraíba, transformada em território de dominação masculina por excelência. A pesquisa sinaliza o modo como essa invenção da masculinidade sertaneja ocorre na longa duração, necessitando de atualizadores deste legado discursivo a retroalimentar o imaginário de uma região idealizada como “Paraíba Masculina”, cujos atravessamentos podem ser evidenciados nos imbricamentos da política, das artes e dos corpos.

As marcas e as reverberações de gênero em meio ao colecionismo e à musealização de acervos sobre as mulheres nordestinas e sua participação no cangaço consistem na temática do artigo “Grande sertão: mulheres – generificação, colecionismo e musealização do cangaço”, de autoria de Clovis Carvalho Britto. Em suas análises, evidencia o modo como o sertão, enquanto categoria analítica, também é atravessado por questões de gênero e contribui para a fabricação de imagens sobre masculinidades e feminilidades. Entre as tramas do patriarcalismo, das matriarcas e das donzelas-guerreiras, o trabalho analisa narrativas que interseccionam gênero e sertão nordestino sob o olhar do colecionismo



e da memória generificada, tendo como recorte as imagens das mulheres sertanejas nos acervos de Alba Frota e Rachel de Queiroz e nas coleções museológicas que evidenciam/silenciam a participação das mulheres no cangaço. As narrativas sobre o cangaço colecionado em acervos pessoais e museológicos, em papéis e artefatos preservados e forjados por mulheres e sobre mulheres consistem em um caleidoscópio de imagens que traduzem, no argumento do autor, resistência à política de anarquivamento dos acervos de mulheres e desrealque sobre questões de gênero, classe e região. A partir do exame das estratégias de monumentalização e de silenciamento das mulheres sertanejas, problematiza o modo como se fabricou uma economia de símbolos em torno do papel ocupado pelas mulheres no cangaço. Desse modo, o fio condutor do trabalho consiste em compreender os acervos como espaços de ficção que reverberam poéticas e políticas da memória sobre o lugar das mulheres na escrita da nação. O autor argumenta que Maria Bonita, Maria Moura, Alba Frota e Rachel de Queiroz dilataram a compreensão da “identidade feminina” ao evidenciar seu caráter plural e mobilizar táticas que desestabilizaram o *status quo*, se expandindo para o espaço público e enfrentando as expectativas do feminino em espaços marcados pelo patriarcalismo.

A análise do imaginário em torno das mulheres sertanejas e de suas vivências sexoafetivas nas décadas de 1940 e 1950 no interior da Bahia é o tema do artigo “‘Perigosas mulheres modernas’ ou ‘pobres tabaroas’: concepções acerca das mulheres sertanejas em Jacobina, Bahia”, de Tânia Mara Pereira Vasconcelos. A pesquisadora utilizou como fontes os processos judiciais de crimes contra os costumes (sedução, rapto e estupro) e matérias de jornal para visualizar as representações de gênero em Jacobina, na Bahia. Segundo suas análises, são evidentes a importância da virgindade feminina, as tentativas de disciplinarização dos

comportamentos e dos corpos das mulheres e as tentativas de resistência a esses processos. Tendo como ângulo privilegiado os discursos sobre mulheres sertanejas forjados pelos operadores da Justiça em processos por crime de sedução, o trabalho demonstra as ambiguidades em torno dos papéis de gênero, oscilando entre a ameaça provocada pelas “mulheres modernas”, que ocupavam espaços até então protagonizados por homens, e a “defesa” das moças sertanejas pobres e “taba-roas”. Entre a periculosidade e o “sexo frágil”, sedutoras e seduzidas, as sentenças analisadas sintetizam algumas das representações sobre as mulheres sertanejas na primeira metade do século XX. O trabalho investiga a dicotomia instaurada pelas práticas discursivas e não discursivas sobre o lugar das mulheres naquela sociedade, enquadrando-as como virgem e prostituta e, na maioria das vezes, transformando as vítimas dos crimes sexuais em culpadas, herança cada vez mais presente na contemporaneidade.

A segunda parte do livro, “O Nordeste na literatura: gênero, enunciação e resistência”, apresenta textos dedicados à análise da literatura a partir das lentes de gênero, com o objetivo de elencar outros olhares sobre o sertão e seus personagens. O artigo “‘Mesquinho e humilde’? Notas sobre o romance *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis”, das autoras Elisângela da Silva Santos e Patrícia da Silva Santos, reflete sobre a primeira publicação daquela que é considerada a primeira romancista do Brasil, uma mulher negra, pobre e sertaneja, e sua perspectiva, em boa medida descentrada da visão dominante da época de escravidão e patriarcalismo que vivenciou no século XIX no Nordeste brasileiro. Para tanto, as autoras buscam não só demarcar elementos no romance que apontam para essa outra ótica, que traz à cena dores, reflexões e pensamentos tanto de mulheres brancas e muito mais de mulheres e homens negros escravizados, como também desenvolvem

uma reflexão sobre o lugar de fala dessa escritora, seu apagamento e exclusão e as implicações políticas de seu texto e gesto escritural no cenário sertanejo. Dessa forma, Maria Firmina dos Reis, na mira crítica das autoras, rasura um projeto romântico que intencionava estancar os conflitos e as diversidades de vozes sob o teto unificado da nação, e, por conseguinte, denuncia a anulação do feminino pelo patriarcado, bem como a barbárie da escravidão no sertão maranhense, tornando visível o eu enunciador feminino e negro e de poucas posses que põe em questão valores etnofalocêntricos. É dessa forma que Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, pobre e nordestina do século XIX, em *Úrsula*, evidencia novos olhares sobre o sertão nordestino, inserindo uma ótica feminina, ao questionar a masculinidade dominante e anunciar a subjetividade negra.

O artigo intitulado “A representação masculinizada de Maria Bonita na gravura do folheto de cordel do século XX”, de Germana Gonçalves de Araujo, apresenta uma reflexão sobre os significados socioculturais apresentados nas representações pictóricas de Maria Bonita gravadas nas capas de folhetos de cordel do século XX, destacando como esses códigos sociais têm afetado essa representação feminina feita por artistas nordestinos. Nessa linha, a construção da “mulher-macho” tem ressoado e ganhado grandiosas proporções, resultando em uma definição unívoca e absoluta da mulher nordestina. Essa imagem ridicularizada é tradução de um jogo simbólico de poder que pode ter efeitos nocivos, inclusive para essas próprias mulheres, que podem incorporar essa imagem. É por conta de questões como esta, que revelam o cruel efeito de um discurso de poder e da fala invisibilizada por esse discurso, que a pesquisadora se propõe a refletir sobre a gravura de Maria Bonita aplicada em folhetos de cordéis. Para tanto, considerando o protagonismo deste sujeito feminino, ao mudar o curso de sua história e

abrir precedente para que outras mulheres entrassem no cangaço, bem como a noção do feminino subjugada ao masculino, resultando ainda em uma objetificação da cangaceira nas imagens de cordéis, a pesquisadora discorre sobre quatro perspectivas que teriam convergido para a institucionalização da noção de mulher sertaneja masculinizada. Por fim, busca argumentar que há uma dificuldade em valorar de modo positivo a aparência de uma mulher fora da norma cultural, implicando, geralmente, no apagamento e na invisibilidade de sua história, na réplica, portanto, por meio do seu desenho, da imagem de Lampião.

A segunda parte da coletânea finaliza com o artigo “A força ativa Maria Bonita no movimento de reescrita de si de mulheres nordestinas”, da pesquisadora Jailma dos Santos Pedreira Moreira. O texto reflete sobre o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas nordestinas, tomando como objetos textuais de investigação o desenho da personagem Maria Bonita, na peça *Lampião*, de Rachel de Queiroz, traços discursivos sobre Maria Gomes, a Maria Bonita tematizada por pesquisadores do cangaço, bem como imagens da textualidade de mulheres feirantes, trabalhadoras rurais do semiárido nordestino baiano. Se o ponto de partida da reflexão é o movimento inflexivo, ousado e provocador da personagem criada pela escritora Rachel de Queiroz, este debate se prolonga com um olhar atento para os traços de rebeldia e incômodo da cangaceira Maria de Déa, assim como para o movimento micropolítico de mulheres feirantes, para o agenciamento coletivo, articulando produção artesanal e cantoria como vetores de força do movimento organizado de mulheres trabalhadoras rurais. Antes desse percurso reflexivo, entretanto, a pesquisadora demarca suas inquietações e ferramentas interpretativas, sinalizando sua preocupação com o processo subjetivo na arena da linguagem, bem como com os sinais de agência, de uma revolução molecular por parte de mulheres. Assim,

em meio a esse jogo discursivo, de batalhas na linguagem, a força ativa de mulheres sertanejas nordestinas é cartografada, debatida, nos convidando a pensar a reescrita de si, escapando das ordens discursivas naturalizadas e amortecendo a vida em sua plenitude criativa.

A terceira parte da obra, “O Nordeste no cinema: gênero, masculinidades e subjetividades”, inicia o debate com o artigo intitulado “A *trans*-sertanidade e os estereótipos sertanejos de masculinidade”, de Ana Maria Veiga, o qual trouxe a biografia fílmica da primeira travesti brasileira a ser eleita para um cargo legislativo no país. Dessa forma, a partir da trajetória de Kátia Tapety, Veiga discute as categorias “gênero” e “sertões”, e, mediante a interseccionalidade, compreende outros demarcadores de diferença, como classe, raça/etnia, sexualidade, religiosidade, localização e geração. Ao analisar o documentário, a autora descreve o corpo de Kátia Tapety e põe em questão o ideal de delicadeza e feminilidade da mulher trans, e também os estereótipos constituídos sobre o povo, o homem e a mulher do sertão.

Uma reflexão sobre a construção do sentido de sertão, ou as interfaces entre a construção de um ideal de masculinidade e violência e a formação sócio-histórica dos significados do sertão nordestino, é a proposta do artigo “Violência e masculinidade: o sertão nordestino e a construção de um monopólio de sentido”, do autor Elder Patrick Maia Alves. O pesquisador recorreu não só aos discursos de críticos e historiadores mas ao texto artístico, especialmente das décadas de 1950 e 1960, mais especificamente o filme *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, para explicitar as diversas proposições apontadas para a película e, ao mesmo tempo, sinalizar como a violência é ali exacerbada e, junto com ela, um ideal de masculinidade pautado na virilidade e na força física. Ao fim, registra como nesse contexto as assimetrias de gênero,

amparadas pela violência do sujeito masculino que dominava, foram marcantes, e, por conseguinte, diante de tal monopólio de sentido, a mulher foi invisibilizada, tornando-se muitas vezes apenas moeda de troca nos casamentos que se firmavam como negócios públicos e privados entre homens.

Já no artigo “As mulheres no cangaço e o cinema como representação do passado”, a autora Caroline de Araújo Lima, ao analisar o filme *O cangaceiro* (1953), do cineasta Víctor Lima Barreto, nos expõe brevemente a presença das cangaceiras no cinema brasileiro. O texto traz uma discussão teórica sobre a relação entre cinema e história e sobre o fato de como o passado pode ser representado nessa obra de arte. Também, se utilizando das lentes de gênero, analisa o tratamento dado às mulheres que atuaram no cangaço na produção cinematográfica.

Ainda no campo do cinema, e finalizando o livro, o artigo “Gênero e gênero: a personagem feminina nos documentários sobre o cangaço”, do autor Marcelo Dídimo Souza Vieira, destacou como as discussões de gênero se tornam recorrentes nos debates sobre cinema, seja em relação às subjetividades dos personagens ou aos pontos de vista dos realizadores. O papel que a personagem feminina desempenhou no movimento histórico foi apresentado pelo gênero cinematográfico cangaço, mostrando a sua importância para o banditismo e destacando sua influência entre os cangaceiros. Por isso, esse estudo teve como objetivo destacar o gênero feminino no gênero cinematográfico, mais especificamente nos documentários realizados sobre o cangaço.

Os dez artigos da coletânea convidam a leitora e o leitor a experimentar outras perspectivas sobre o sertão nordestino. Para além do espaço, consagrado na literatura, no cinema e na historiografia como o da seca, da miséria e do sertanejo forte e retrógado, o convite é para se perceber o

sertão nordestino como um espaço das mulheres, das relações de poder constituídas pelas relações de gênero, das tramas das subjetividades e das masculinidades. Um espaço, portanto, sobre o qual os sentidos estão sendo construídos e reconstruídos constantemente. Nessa linha, o livro reúne perspectivas de pesquisadoras e de pesquisadores de várias universidades do Brasil que se debruçaram sobre o tema “sertão”, “Nordeste”, sobre seus personagens e suas histórias, desnaturalizando narrativas, enfatizando o aspecto da produção e o caráter gendrado dos sujeitos, espaços e discursos.

Com isso, revolve os silêncios de uma história, se põe a ouvir outras enunciações, outros sujeitos, a considerar outras ferramentas teóricas e investigativas, outros indícios e objetos de interpretação, revelando a importância de se recontar uma história, pôr em questão perspectivas, explorar outras, apontando para a necessidade de revermos, sempre, nosso posicionamento, aderência ou descolagem em um tempo. Nesse sentido, leva-nos a refletir sobre a construção das violências, as institucionalizadas, as simbólicas, a força que tem aniquilado, matado principalmente mulheres, negras, pobres, LGBTQIA+, ontem e hoje, e não só no sertão nordestino. O livro explora a construção discursiva dessas forças, o imaginário e as práticas resultantes dessa violência, que têm gerado inclusões excludentes. Escrutina os perigos de uma produção subjetiva, discursiva, de uma força, de uma contraforça, sem deixar de examinar e tornar visível veredas, táticas de reexistência, micropolíticas de mulheres sertanejas, nordestinas, e demais enunciadores que reforçam, sempre, a possibilidade de ressignificação de uma textualidade, de uma vida sertaneja, nordestina.

Com essa tessitura, nos apresenta um sertão, um Nordeste não só inventado, mas se reinventando. Sob a perspectiva de gênero, fio condutor que entrelaça estes outros olhares para o sertão nordestino, congre-

ga, em um mesmo livro, discussões científicas dispersas, possibilitando à pesquisadora, ao pesquisador, ou à leitora, ao leitor interessados na questão, ampliar suas lentes investigativas. Dessa forma, acreditamos que esta seja uma obra fundamental a se ter na estante, suplementando nosso acervo de leituras sobre o sertão e sobre o Nordeste brasileiro.

Caroline de Araújo Lima

Clovis Carvalho Britto

Jailma dos Santos Pedreira Moreira

ORGANIZADORES